

Realização:



APA-TO alternativas para a
pequena agricultura
no Tocantins

Rua João Heitor da Costa, 116 - Centro
Augustinópolis - TO
Fone/Fax: (63) 3456-1407
E-Mail: apatobico@uol.com.br

403 Sul QI 04 Lote 12 Alameda 19
CEP: 77.176-020 - Palmas - TO
Fone/Fax: (63) 3216-3484
E-Mail: apa-to@uol.com.br



Rua 15 de Novembro, 510 - Centro
CEP: 77.930-000 - Axixá - TO
Fone/Fax: (63) 3444-1298

Apoio:



Reserva Legal



Riquezas da mata e do cerrado no Bico do Papagaio

Expediente

Projeto Organização Comunitária para Manejo de Reservas Legais em Assentamentos de Reforma Agrária no Bico do Papagaio - TO.

Coordenação: Carlos André Conceição Gomes - STR de Axixá.
David Viegas Casarin - APA-TO
Selma Yuki Ishii - APA-TO

Texto Final: Cláudia de Carvalho Mello

Ilustrações: Jaíres Santos Batista e Elaine Cristina Martins

Diagramação e Arte Final: Gleidyson Sousa e Kennedy Novaes - Canal Comunicação Ltda.

Revisão: Selma Yuki Ishii e Maria Aparecida Morcef Bouzada

Tiragem: 5.000

Fotos: Arquivos da APA-TO

“Agradecemos a todos(as) que diretamente e indiretamente contribuíram para a realização de inúmeras atividades, tornando possível a concretização desta cartilha.”

Índice

1 - Abertura	04
2 - O que são Reservas Legais	05
3 - O que é Manejo Florestal Comunitário	07
4 - Os Recursos Naturais no Bico	10
4.1 - Um pouco da história	10
4.2 - Situação Atual: a vegetação em Axixá do TO	12
4.3 - As Reservas dos Assentamentos: história, situação atual, usos e potencialidades	19
4.3.1 - PA Babaçu	19
4.3.2 - PA Santa Juliana, Setores Sede e Grota D'água	22
4.3.3 - PA Buritis	26
4.3.4 - PA Santa Bárbara	29
5 - Anexo	32
6 - Breve apresentação da APA-TO e do STR de Axixá	40

PA Buritis



PA Santa
Juliana Sede



PA Santa Barbara



PA Santa Juliana
Grota d'água



PA Babaçu

Abertura

Esta cartilha é o resultado de uma pesquisa promovida pela APA-TO e STR de Arixá conjuntamente com as comunidades de quatro Projetos de Assentamentos (PA), como forma de conhecer os recursos florestais das áreas de reserva legal coletiva de quatro assentamentos do município de Arixá: PA Santa Juliana, PA Santa Bárbara, PA Babaçu e PA Buritis.

A motivação principal era conhecer as riquezas existentes nessas áreas e como as comunidades podem manejar e usar esses recursos conservando-os para as futuras gerações. E sabendo que as riquezas das reservas legais estão sofrendo ameaças, esperamos que a pesquisa ajude as comunidades a perceber o valor desse patrimônio vivo e volte a sua atenção para a necessidade de cuidar dele e aproveitá-lo de forma sustentável.

Conhecer, valorizar e cuidar das Reservas são premissas importantes para o manejo sustentável de seus recursos. Para usufruir dessas riquezas de forma a gerar renda e melhorar a qualidade de vida das famílias, é preciso que elas saibam planejar e realizar o manejo. E isso depende de um contínuo processo de sensibilização, formação e estabelecimento de parcerias. Assim, a nossa pesquisa também teve como objetivo promover o envolvimento crescente de jovens, mulheres, homens, crianças e suas organizações que planejaram e desenvolveram as atividades de pesquisa nas comunidades, reservas e no mercado regional de produtos florestais.

O resultado deste trabalho só foi possível porque acreditamos numa convivência equilibrada das pessoas com o meio ambiente.

O que são Reservas Legais?

Em cada propriedade existem dois tipos de áreas que devem ser conservadas: as áreas de proteção permanente e as reservas legais, conforme a Lei.

As áreas de proteção permanente são os topos dos morros e encostas muito inclinadas, as beiras de rios, córregos, lagoas e olhos d'água. Nessas áreas não é permitido o manejo.



Mas as áreas de Reserva Legal podem ser manejadas?

Pela lei, a reserva legal deve servir para conservar a diversidades de seres vivos, abrigar diferentes espécies de plantas e animais, proteger os plantios de pragas e doenças, manter o equilíbrio do clima, a umidade, as chuvas, purificar o ar e fornecer os recursos naturais necessários à população.

O tamanho das Reservas Legais devem ser definidos de acordo com a localização e o tipo de vegetação. No Bico do Papagaio e no Tocantins nossa localização é a Amazônia Legal e os tipos de vegetação são: Floresta e Cerrado.

Então, na Amazônia Legal, o tamanho das reservas legais deve ser calculado levando em conta essas proporções:

Tipo de Vegetação	Floresta	Cerrado
Proporção da reserva e da área destinada ao uso agropecuário.	80% de Reserva 20% de Uso	35% de Reserva 65% de Uso

Nas propriedades em que a vegetação nativa já tenha sido retirada, os agricultores e as agricultoras precisam obedecer essas proporções, recompondo ou deixando a vegetação se recuperar naturalmente.

Na época em que a maior parte dos assentamentos da região foram criados, a legislação ambiental era diferente, as propriedades deviam manter 50% da área de reserva, independente do tipo de vegetação. Assim, a maioria dos assentamentos não estão de acordo com a legislação atual. Esses precisam readequar suas áreas de Reserva Legal,



levando em conta o quanto de floresta e cerrado existe no assentamento ou lote.

Essa recomposição, pode ser feita considerando os sítios e sistemas agroflorestais (SAFs) já existentes no lote.

Então é possível trabalhar nas áreas de reserva legal?

É sim. Nas áreas de Reserva Legal é permitidos o seu manejo como, por exemplo, a apicultura, a criação de abelhas

nativas, a coleta de frutas, sementes, coco babaçu, óleos e resinas, plantas medicinais e manejo de madeiras.

O que é Manejo Florestal Comunitário?

É fazer uso da floresta por comunidades organizadas de forma sustentada. Para os agricultores de Axixá, manejar a floresta de forma sustentada é usar sem destruir para que as futuras gerações também usufruam dos recursos, adotando medidas para que a floresta se recupere e tenha condições de continuar fornecendo suas riquezas (frutas, óleos, madeiras, caça) e serviços ambientais (chuva, quebra vento, controle de pragas e doenças, purificação do ar e manutenção da biodiversidade) para as comunidades.

E como se faz o manejo?

Para manejar a Reserva Legal é preciso planejar muito bem esse uso, isto é, fazer o Plano de Manejo.

Os tipos de planos podem mudar dependendo do recurso que se pretende manejar e da intensidade do manejo ou tamanho da área.

Em assentamentos rurais com associações estabelecidas o modelo mais apropriado é:

■ **Manejo comunitário simplificado:** Neste tipo, o dono da área é a associação e a área total manejada por ano é de até 500 hectares (ha). Mas, existem ainda outros tipos que podem ser adaptar ao manejo de reservas legais por comunidades.

■ **Manejo Simplificado:** Onde a área é de propriedade individual e tem até 500 ha.

■ **Manejo em escala empresarial:** O plano de manejo é realizado por uma empresa e o manejo anual normalmente é realizada em áreas maiores de 500 ha, mas se caracteriza especialmente em função da demanda de manejo.

Ha também o que chamamos de **manejo de uso múltiplo** da floresta que consiste no manejo de produtos não madeireito, como as frutas, os óleos, as resinas, as sementes, o palmito, as plantas medicinais, etc. Neste caso, as regras para o seu manejo são específicas.

Para fazer o manejo, primeiro é preciso conhecer muito bem o comportamento da floresta e saber também quanto, quando e como podemos retirar os recursos que a floresta nos oferece. Para isso, deve ser feito o inventário florestal.

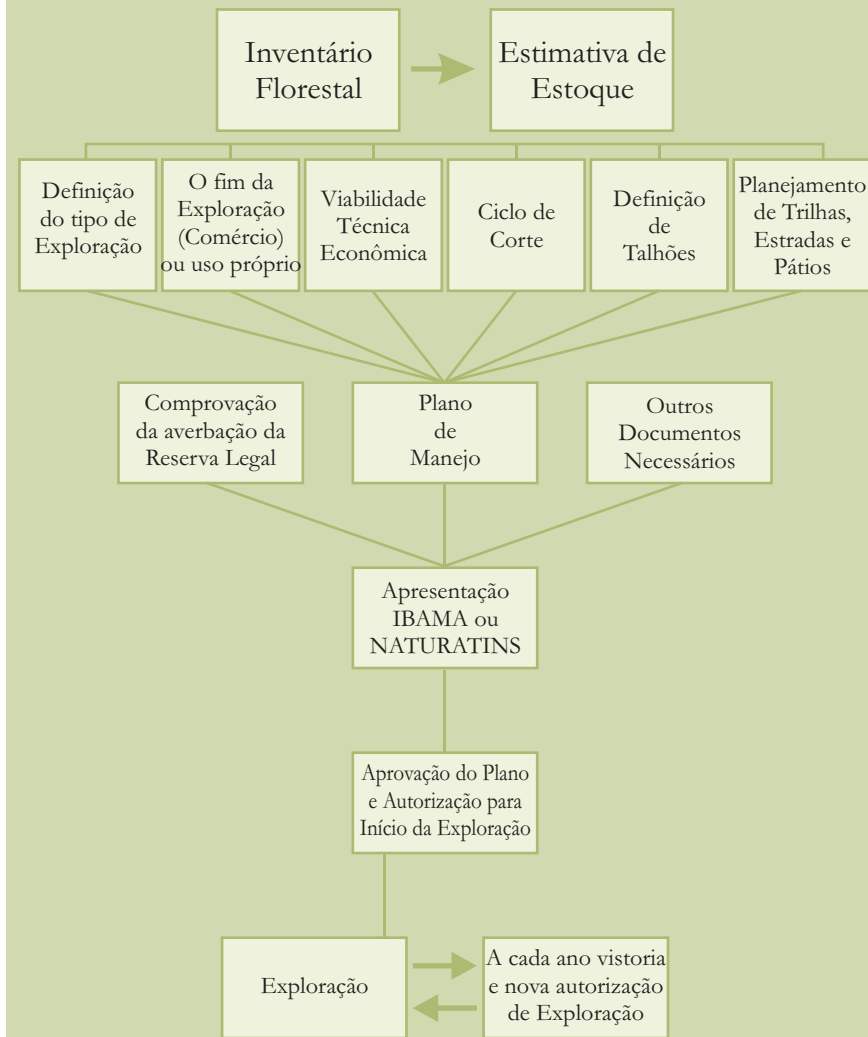
Estas informações são obtidas através de levantamento de campo, consultas a mapas e literatura disponível.

No trabalho de campo as informações importantes a serem levantadas são:

- Levantamento de espécies de árvores resistentes;
- Localização das árvores;
- Circunferência (rodo) à altura do peito (ou seja, a um metro e trinta do chão);
- Altura estimada do tronco (só a parte aproveitável do tronco);
- Situação do tronco quanto a presença de cupins, ocos, tortuosidades);
- Presença ou ausência de cipós.

Com essas informações é possível estimar o quanto de madeira existe na reserva e o quanto poderá ser manejado no ano. No caso de planos de manejo para produtos não-madeireiros a altura e espessura das árvores dá uma indicação de sua idade. Com base nisso e na situação geral da árvore deve-se estimar a sua produção anual.





Depois disso elabora-se o Plano de Manejo, que define:

- qual é o tipo de exploração;
- se é destinada para o comércio ou para uso;
- a viabilidade técnica e econômica.

No caso da madeira:

- a definição do ciclo de corte;
- a definição dos talhões;
- o planejamento das trilhas e estradas de arraste e pátios de estocagem.

Com isso é possível apresentar o plano de manejo ao órgão ambiental responsável: IBAMA ou NATURATINS. Mas, para que seja aprovado é preciso que a reserva esteja averbada.

Averbar a Reserva é fazer o registro da área de Reserva em cartório, delimitando definitivamente seus limites dentro da propriedade.

Os Recursos Naturais no Bico

— Um pouco da história —

“ A região do Bico do Papagaio, localiza-se no extremo-norte do estado do Tocantins, situada na Amazônia Oriental próximo a confluência dos rios Araguaia e Tocantins. Esta é uma área de transição entre os biomas Cerrado e Floresta Amazônica. ”



Quer dizer que o ambiente no Bico do Papagaio é de um tipo que só existe aqui. Porque aqui existem espécies de plantas e animais que o Cerrado não tem, por que são mais típicos da Amazônia, e outras que a Floresta Amazônica não tem, porque são mais típicos do Cerrado. Então, esse é um lugar muito especial porque tem um conjunto de riquezas próprias e modos de conviver com elas que as pessoas que aqui vivem desenvolveram. Por isso precisa ser bem cuidado!

Mas, não foi assim que aconteceu! Até a década de 70, era tudo mata e não havia repartição entre as terras. Com a construção da Transamazônica e da Belém-Brasília, em 1973, começou a acabar a mata. Além de construir estradas, o governo federal da época incentivava a vinda de pessoas de outras regiões para a Amazônia, com a intenção de ocupá-la e desenvolvê-la.

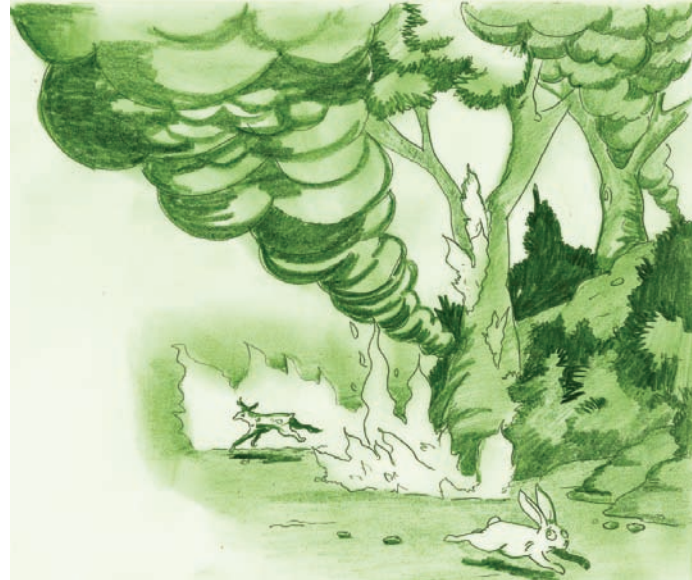
Esqueceram-se de que aqui já existiam pessoas que viviam e trabalhavam com as dificuldades de estarem isoladas, com pouca estrutura e serviços, mas convivendo bem entre si e com a natureza. Essas pessoas mereciam ter sido consideradas nos projetos de “desenvolvimento” do governo, mas não foram. Foi nessa época que começaram a chegar os grileiros e cercar uma imensidão de terras, expulsar os trabalhadores de suas terras, destruir suas casas e roçados.

Também começaram a surgir algumas serrarias que cortavam parte da madeira para fazer casa, curral, cerca para os fazendeiros daqui e mandavam uma boa parte para outros estados. A madeira tirada era jatobá, sucupira, a aroeira (nos anos 80) e mogno.

Parte da floresta foi retirada ou queimada, para a implantação de pasto para o gado. A criação de gado era vista como o símbolo do desenvolvimento.

Cerca de dez anos depois, Axixá já não possuía mais de 50% da floresta original, que continuou sendo derrubada e queimada intensamente nos anos seguintes. Atualmente, estima-se que resta de 5 a 10% da vegetação original e um número reduzido de espécies e populações de animais silvestres.

Isso significa que resta pouco, mas que pouco é esse? Será que ele ainda tem valor?



Situação atual: A Vegetação em Axixá

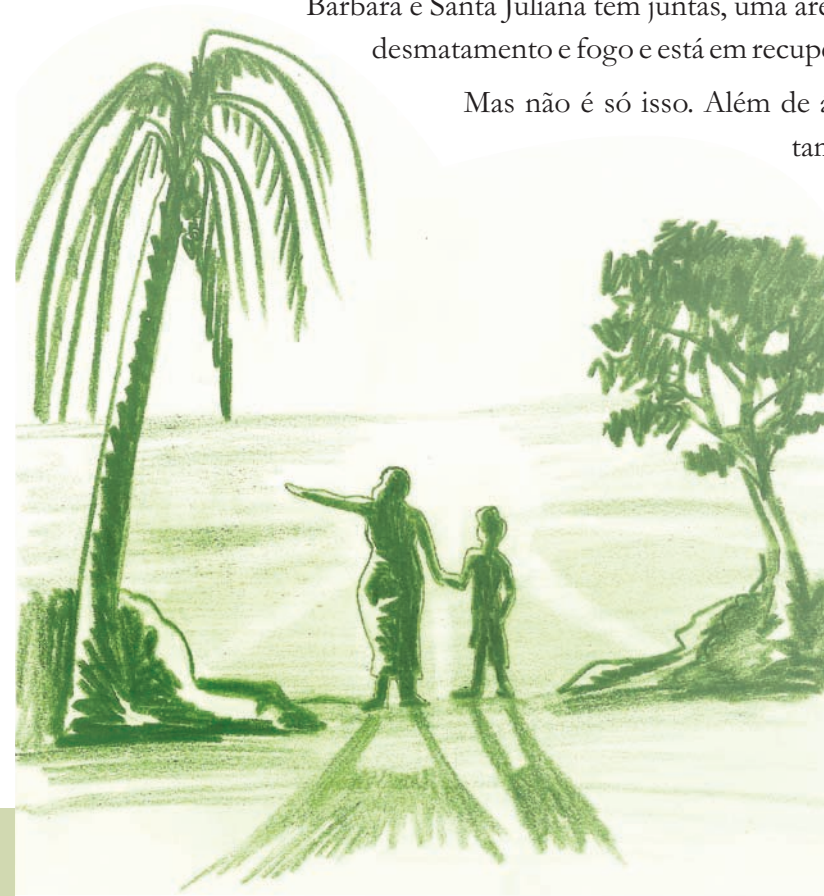
Hoje sabemos que boa parte das áreas de floresta conservada da região, estão nas Reservas Legais de assentamentos da reforma agrária. Em Axixá, as reservas legais coletivas dos assentamentos Babaçu, Buritis, Santa Bárbara e Santa Juliana têm juntas, uma área de 617,8 alqueires. Uma parte dessas áreas já sofreu com o desmatamento e fogo e está em recuperação, mas também existem áreas bem conservadas.

Mas não é só isso. Além de áreas mais ou menos conservadas, a vegetação nas reservas também tem características e nomes diferentes: capoeira, capoeirão, mata, carrasco, chapada, cerrado ou cerradão. Mas até mesmo uma vegetação que recebe o mesmo nome pode ter algumas diferenças de um lugar para o outro.

Mata

As áreas de mata têm muitas árvores altas e antigas formando um teto (dossel) e criando um ambiente frio e mais “aberto” em baixo. Os cipós estão mais no alto e em baixo há algumas plantas de sombra. Algumas árvores da mata podem perder as folhas no verão (época seca), mas a maioria se mantém verde.

Mas, há tipos diferentes de mata. Algumas têm muito babaçu e não tem pati, por exemplo.

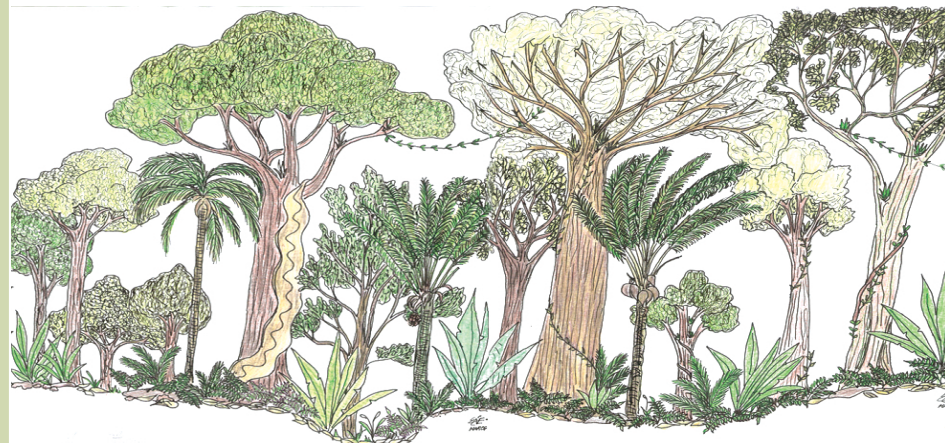


Outras têm bastante pati e nenhum babaçu. Também podem ser áreas bem conservadoras, com muitas árvores antigas, ou capoeirões que já tem mais tempo de recuperação (30 a 40 anos).

A maior parte das áreas de mata já sofreram com corte seletivo ou raso e com fogo, mas conserva grande diversidade de espécies.

Algumas das espécies mais encontradas são amesca, babaçu, aroeira, cipó de mufumbo, negamina, miroró, najá, coco cabeçudo, atamenju, cipó de escada, copaíba, muta, mutamba, ingá, capoeiro amarelo, jatobá, espinheiro preto (espinho d'anta), pati, taipoca, bacaba, ingarana, taúba, ipê (paud'arco), sabonete, cajá, caju de janeiro, tucum.

Outras menos freqüentes, mas também importantes foram angelim pedra, angico, aroeira, cipó cururu, marfim, axixá, cacau, capitão do campo, sapucaia, angelim, sucupira, sumaúma, tarumã, taturubá.



Carrasco

O Carrasco é uma área com árvores altas, como na mata, só que mais espaçadas. É bastante seco, no verão e tem muitas espécies espinhentas, muito cipó e árvores baixas, todas “engarranchadas” umas nas outras. De acordo com os moradores da região, não tem a mesma “força” que a mata por causa do solo, que é mais pobre, com muitas pedras e muito seco no verão.

Esta área é normalmente de ocorrência privilegiada de aroeira. Outras espécies encontradas com freqüência são: miroró, espinheiro preto (espinho d'anta), catinga de porco, cipó de escada, café brabo, macambira (croatá), naja, coco cabeçudo, taipoca, cafezinho, angico, espinho de oco (serrotão), cajá, mutamba, azeitona braba, cipó de mufumbo, maracujá da mata, barriguda, murici brabo.

Há também ipê roxo, sabonete, amarelão, gonçalalve, ipês, jacarandá, jatobá, marfim, pati, tucum, copaiba, angelim vermelho, coração de nego, freijão, lava prato (camará), tarumã, tingui, unha de gato.

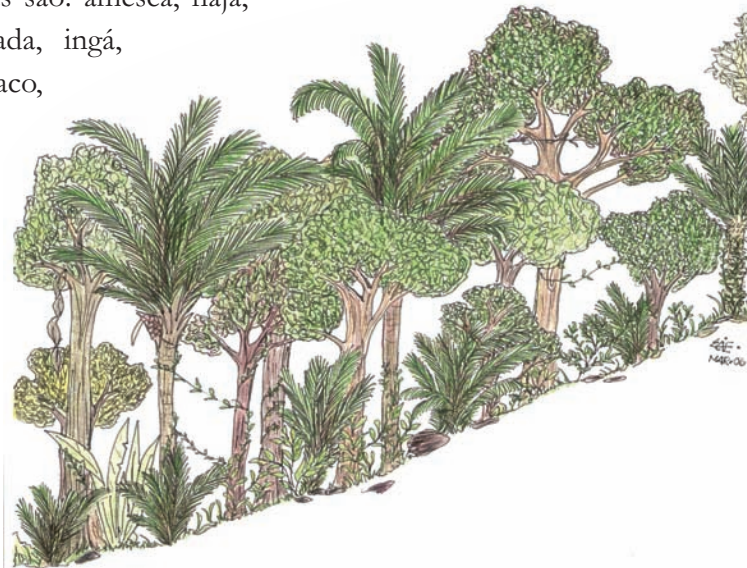


Capoeirão

O Capoeirão foi identificado como sendo uma área que pode ter sido totalmente ou parcialmente cortada ou queimada e está em recuperação a mais de 15 anos. Nesse meio tempo também pode ter sofrido algumas queimadas ou corte seletivo. Caracteriza-se como sendo uma área mais aberta que a mata (maior incidência de luz) e com um sub-bosque mais denso.

O tamanho da vegetação no capoeirão pode variar bastante. Desde uma capoeira um pouco mais alta até uma “quase mata”, quando em recuperação a cerca de 30 anos.

O babaçu predomina destacadamente. Algumas outras espécies mais encontradas são: amesca, najá, negamina, cipó de escada, ingá, mutamba, pente de macaco, cipó branco, miroró, bacaba, taipoca, marfim, amesca aroeira, cedro manso, ipê (podarco), jatobá, louro, taturubá, muta, orelha de macaco, cajá, catuaba da mata e urucum brabo.



Capoeira fina

A capoeira fina é uma vegetação com menos de 10 anos de recuperação e que sofre constantemente com o fogo. Possui poucas árvores mais altas e espinhentos. São muito comuns miroró, amesca, pente de macaco, taipoca, espinheiro preto/espinho d'anta. Mas também existem, em algumas das reservas, amarelão, angelim pedra, aroeira, exixá, jacarandá, o que indica bom potencial de recuperação.

O babaçu também aparece como predominante. Outras bastante freqüentes são negamina, muta, capoeiro amarelo, canela de nambu, jatobá de lago, naja, cipó de escada, jangada, maracujá brabo e pitiá (guatambu).



Chapada

A chapada é uma vegetação bastante característica da transição para o cerrado. É um ambiente com árvores baixas e retorcidas, bastante espaçadas umas das outras e com presença de muitas ervas, arbustos e capim nativo. O solo é arenoso.

Entre as espécies mais encontradas estão: capim agreste, capim barba de bode, cidreira da chapada, jenipapinho e tingui. Mas há também aroeira, jatobá, axixá, pente de macaco, candeia, gonçalave, fava d'anta entre outras.

Algumas espécies são bem típicas desse tipo de vegetação, são elas: cidreira da chapada, murici-da-chapada, batata de tiú, cajuí, folha grossa, mangabeira, pau-de-ferro, tucum rasteiro, velame e gramíneas como capim agreste e capim barba de bode.



Cerrado ou Cerradão

O Cerrado ou cerradão é um tipo de vegetação florestal, no entanto mais seca e mais baixa que a “mata”.

De acordo com os moradores dos assentamentos há dois tipos de cerrado. Um desses tipos se parece mais com uma mata seca. Sua característica marcante é a completa perda das folhas na época seca (verão). Um outro tipo denominado de cerrado não perde completamente as folhas no verão, no entanto, o tamanho e a quantidade das árvores é menor.

Entre as espécies encontradas estão: capitão do campo, cajá, aroeira, angico, amarelão, amesca, embaúba, emburuçu, jatobá, freijó, ipês, tingui, tambri, pati, sumaúma, anelím, cansansão e capim furão.



As Reservas dos Assentamentos: história, situação atual, usos e potencialidades

PA Babaçu

O assentamento foi criado em 1999 com 1018 hectares onde moram e trabalham 35 famílias. A Reserva do PA possui 82,5 alqueires ou 395,94 ha. Isso corresponde a 35% da área do PA.

Antes havia uma fazenda no local e a 20 ou 30 anos atrás, boa parte da área onde hoje é reserva era usada para o plantio pelo fazendeiro e pelas famílias dos povoados vizinhos. Somente o alto dos morros e as encostas mais inclinadas não foram cultivados.

Desde que se conhece a vegetação da reserva sempre foi parecida com o que é hoje, ou seja, nunca foi de árvores muito altas ou de ter algum tipo de árvore que não se vê mais. Algumas espécies eram mais abundantes e hoje estão escassas, mas ainda são encontradas.

Na parte alta da serra a vegetação está mais bem preservada. No baixão, próximo ao limite com o São José/PA Grotão tem muito coco cabeçudo.

Tem muito babaçu dentro e fora da reserva. Nos locais mais baixos tem mais coco babaçu. Na parte alta o babaçu é mais escasso.

No levantamento de campo identificamos três tipos de vegetação: mata, capoeira fina e capoeirão.

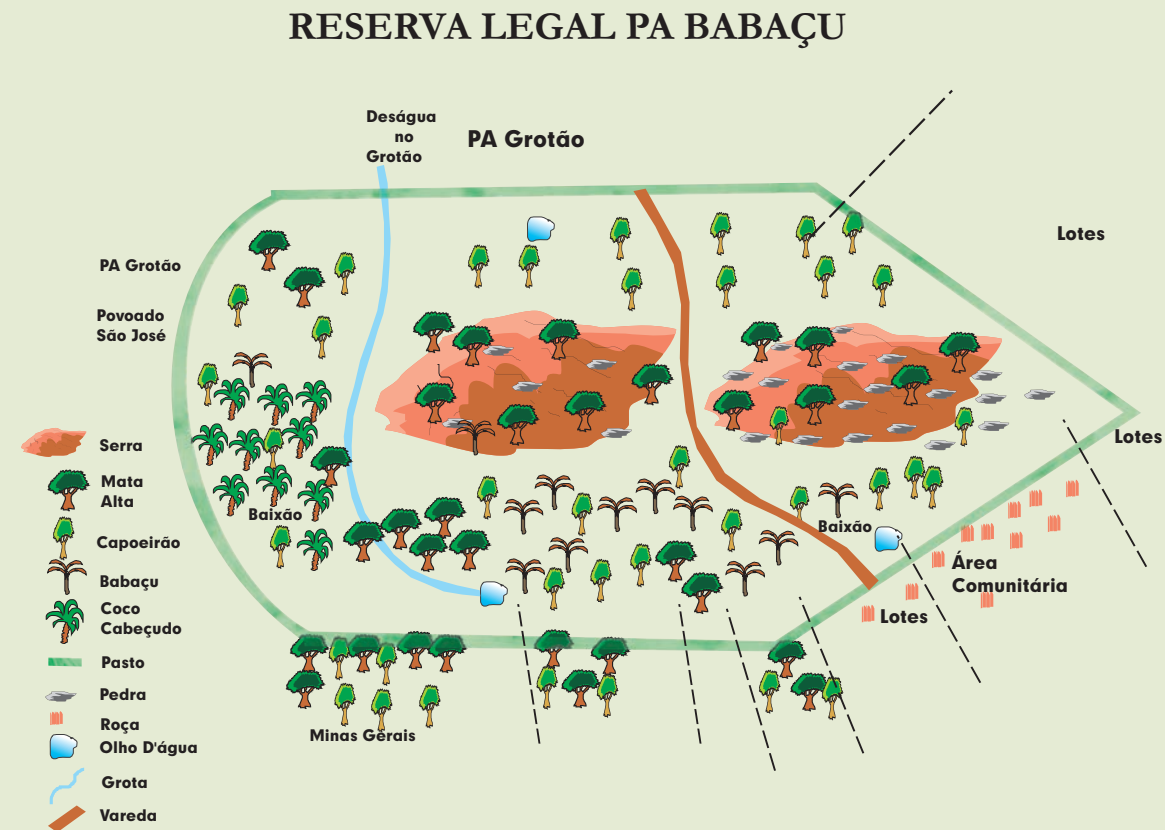
Boa parte da área de mata está no alto das “serras” ou nas encostas, onde é área de preservação permanente. Na serra a vegetação é mais velha e mais alta, mas também é mais seca, uma mata um pouco “encarrascada”.

As áreas de capoeirão também estão mais nas encostas e alto das serras. Mas aí a vegetação é mais baixa e mais fria. No PA Babaçu o capoeirão também pode ser chamado de babaçal, pela quantidade de babaçu.

As áreas baixas da reserva são, em grande parte, capoeiras finas.

Nas áreas de mata tem muito babaçu, amesca, amescão, najá, miroró e cipó mufumbo, amarelão, angelim pedra, jacarandá, cajá, taipoca, mutamba, jatobá de lago, pitomba de leite, mutinha, sabonete, cundururu, ingá, pente de macaco, gameleira, jatobá, ipê amarelo (podarco), cedro manso, angico branco.

No levantamento encontramos 121 espécies conhecidas, 88 com algum tipo de uso.



Usos

A comunidade do PA Babaçu usa, da reserva legal, principalmente jacarandá, cacau, cajá, resina de amesca, resina de angico e resina de jatobá e a farinha do fruto do jatobá.

O babaçu é o principal produto do extrativismo, mas apesar de ter muito babaçu na reserva, os moradores apanham mais nos lotes, onde também é abundante e o acesso é melhor.

A reserva do PA Babaçu é uma área que já sofreu bastante e está bem alterada. Além disso, ainda sofre ameaças pelo desmatamento ilegal, fogo e gado. Mas é uma área importante pelo seu tamanho, pelo seu potencial de recuperação e uso, já que encontramos muitas espécies de grande valor ecológico e econômico.

Pode ser aproveitada para o manejo de plantas medicinais, sementes, frutas e madeira que sirvam para a comunidade. Para o comércio alguns produtos são importantes pela quantidade em que existem na reserva, como é o caso do babaçu e resina de amesca. Outros são importantes por seu potencial de mercado, como artesanatos e mudas e sementes de madeira de lei (angelim, ipês, jatobá, amarelão, cedro e outras).



PA Santa Juliana

Até 1997, grande parte da fazenda bananal era mata. Havia uma serraria dentro da área onde hoje é o assentamento. Entre 1985 e 1990 o fazendeiro vendeu bastante aroeira e outras madeiras para fazer porta e tábuas. Entre 97 e 99, após a venda da terra para o INCRA, o fazendeiro acelerou a exploração.

Na época da criação do PA, o INCRA, demarcou uma área de 584,8 ha, próxima ao Morro do Caracol, para ser área comunitária e reserva legal, mas não existe um limite bem definido entre uma e outra. No mapa ela aparece apenas como área comunitária.

No mapa feito pelo INCRA existem 3 áreas de Reserva Legal: uma está próxima a Serra do Estrondo, que tem 482 ha; uma outra pequena reserva próxima a agrovila da Grota D'água, com 44,68 ha, e outra no morro do Urubu, com 233,73 ha. Tudo junto soma 760,5 ha, o que corresponde a 25% da área do assentamento. Hoje, a reserva já não é mais como está no mapa e uma nova demarcação é necessária. E como é a vegetação?

No **Setor Sede (Bananal)** a reserva é uma mistura de mata fria, cerrado, carrasco e chapada (ou sertão). No pé da Serra do Estrondo e em algumas áreas mais baixas dessa

reserva a vegetação é mata. Na área comunitária também há uma grande mata, com árvores de grande porte, mas de difícil acesso.

Uma boa parte da reserva da Serra é carrasco. Nessa área as árvores são um pouco menores que na mata, mas ainda há bastante árvores grandes especialmente aroeira.

Os tipos de vegetação chapada e cerrado foram encontrados apenas na Santa Juliana, setor Sede. São encontradas tanto na reserva grande quanto no Morro do Caracol.

Na área de sertão (chapada) tem muita planta medicinal e é frequente a vegetação rasteira.

Tem pouco babaçu na reserva. Existem mais coco cabeçudo, macaúba e pati. Além dessas, outras espécies comuns são negramina, miroró, amesca, espinheiro preto, taipoca, ingarana, jatobá, amarelão, copaíba, angico, aroeira, cajá, candeia, capitão do campo, chuveiro, coração de nego, gonçalalve, guatambu, igarana, imburuçu, ipê amarelo, ipê roxo, jacarandá, jurema, mutamba, pente de macaco, tarumã, tingui, tucum.

No setor **Grota D'água** a reserva fica mais próxima da Serra do Estrondo e é uma mistura de capoeira, capoeirão e mata fria. Também tem pouco babaçu, mas um pouco mais que o resto das reservas da Santa Juliana. A reserva é de capoeira, capoeirão e mata.

A capoeira fina fica principalmente nas bordas da reserva próxima aos lotes. O capoeirão já é uma floresta bem recuperada, está entre a capoeira em regeneração e a mata fria, apesar de ter pego fogo a aproximadamente 10 anos atrás. A parte da reserva que fica bem no pé da Serra do Estrondo é mata e está mais bem conservada. Aí estão as maiores árvores: caju de janeiro, pau

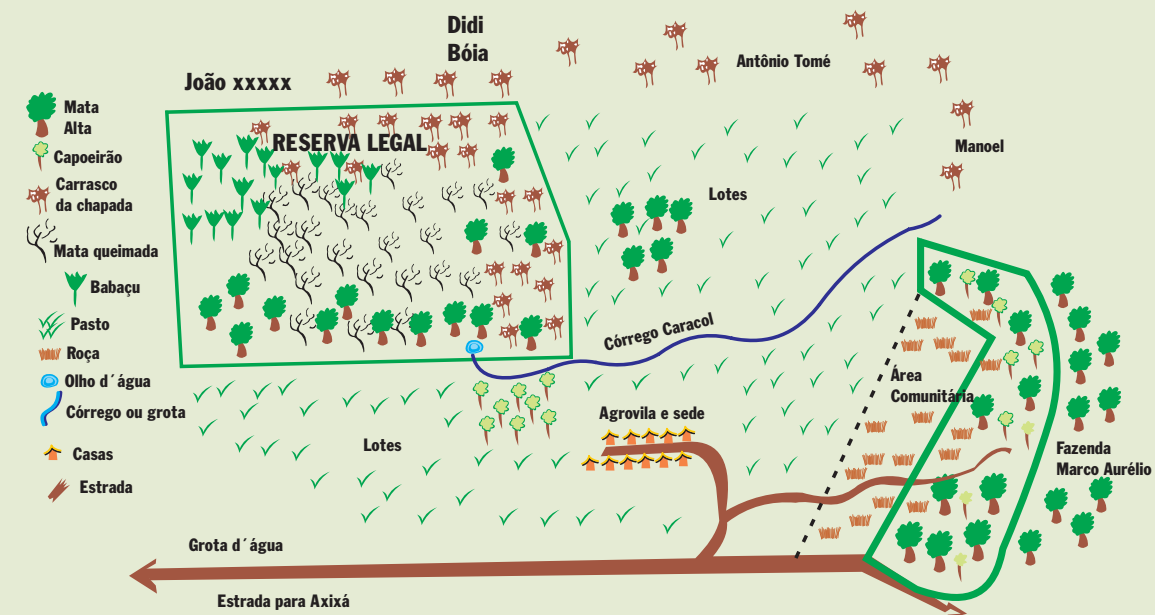
brasil, jatobá, amesca, amesca aroeira, ipê, sapucaia, loro e outras. Essa área possui um bom potencial madeireiro, no entanto o acesso é difícil.

Nessa parte da reserva encontram-se ainda espécies como ipê roxo, negramina, miroró, lava prato (camará), cedro manso, embaúba, bacaba, tucum, moreira, anjico, açoita-cavalo, pau de leite, batata de purga, sucupira, naja, lava prato, copaíba, catuaba, inharé, capitão-do-campo, axixá.

RESERVA PA SANTA JULIANA SETOR GROTA D'ÁGUA



RESERVA PA SANTA JULIANA SETOR SEDE



Usos

Ainda existe exploração ilegal de madeira. A maioria da madeira que sai vem da área comunitária. As espécies mais cobiçadas são aroeira, taúba, amarelão, jatobá e ipê.

Existem muitas riquezas que podem ser melhor aproveitadas como a madeira (amarelão, pau-brasil, louro, amesca, aroeira, jatobá entre outros), plantas medicinais (destaca-se a copaíba) e frutas (cajá, bacaba, cajuí), mas poucas pessoas da comunidade se beneficiam.

A elaboração de um plano de manejo comunitário pode ajudar na resolução deste problema.

Uma forma de uso interessante pode ser também o enriquecimento das áreas de reserva através do plantio de espécies com valor comercial, como por exemplo o cajuí. Essas espécies não precisam ser apenas frutíferas, mas é bom que sejam espécies que existem ou que já existiram naquela área.



PA Buritis

O assentamento de PA Buritis foi criado em 1998, com uma área de 2.183,9 hectares. A reserva foi criada em condomínio, com 887 hectares. Isso corresponde a 40% da área total.

Atualmente existem duas associações, a de Augustinópolis, com 25 famílias e a de Axixá, com 48 famílias.

De 2001 para 2002 houve a invasão de pessoas não assentadas. Tiraram madeira e botaram roça dentro da reserva. Depois de muita luta o conflito foi resolvido, mas a comunidade ainda tem grande preocupação com o risco de novas invasões.

Também já pegou fogo em toda a reserva de PA Buritis. O fogo foi um grande problema antes da fazenda virar assentamento. Depois da criação do assentamento houveram dois incêndios grandes: um quando o pessoal chegou, em 1999, e outro em 2002. Ultimamente a organização da comunidade têm conseguido combater o fogo.

E o que tem lá?

Os tipos de vegetação que existem são: mata, carrasco, capoeira e capoeirão.

De acordo com a comunidade, antes a mata era maior e mais fechada. Atualmente, a mata é mais rala, falhada e tem umas partes carrascadas. Ainda assim, a mata do PA Buritis é uma das mais bem conservadas do município.

Na capoeira algumas das espécies de interesse para o manejo que encontramos em maior quantidade foram babaçu, amesca, angico, ingá, Ipê amarelo.

O capoeirão tem grande potencial para o manejo do babaçu e a comunidade, que sabe disso já vem usando bastante com esse fim. Mas além disso, se essa área for bem cuidada e conservada, ela poderá em breve, fornecer também madeiras e outros recursos para a comunidade. Pode-se pensar no enriquecimento dessa área com outras espécies de interesse comercial ou de uso diversos (madeiras, frutíferas etc.).

A área de carrasco é a maior parte da reserva. No entanto, ela se mistura um pouco com a mata. Pela descrição da comunidade, o carrasco é uma área que já foi mata, mas, depois de retirada, cresceu novamente, só que com menos força (por causa da



qualidade da terra).

A aroeira e outras madeiras como taipoca, ipê e muitas madeiras brancas, são recursos abundantes nessa área.

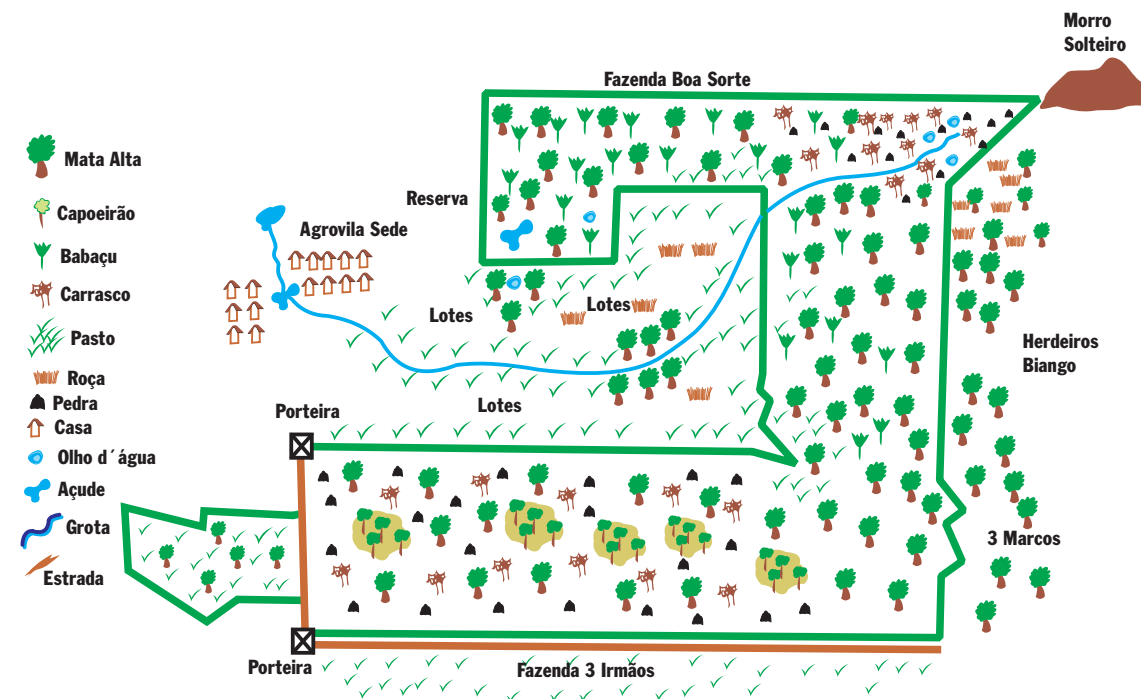
Também destacam-se o cajá, maracujá e outras frutíferas que podem servir para a comunidade ou para a venda.

Na região do pasto velho, vizinha a área do carrasco, tem muita aroeira nova.

Pelo tamanho e porte da área de carrasco ela tem um grande potencial de manejo, mas precisa ser protegida, principalmente do fogo, por ser mais aberta e ficar muito seca no verão.

Outras espécies comuns na reserva do PA Buritis são miroró, coco cabeçudo, espinheiro preto, angico, atamenju, ingá, juruparana, cipós de uso doméstico e medicinal, marfim, lacre, amarelão, axixá, embaúba, macaúba, tambori, tuturubá, unha de gato, pimenta de macaco, bafo de boi, tucum, cachimbeiro, lacre, macambira (croatá), barriguda, sabonete, angelim, vermelho, pati, copaíba.

RESERVA LEGAL PA BURITIS



Usos

O que a comunidade mais usa são madeira para casa, babaçu (amêndoa e casca para carvão). Alguns também usam a palha do coco para cobrir casas.

A associação também tira madeira para algumas construções da comunidade, como para a igreja. As madeiras mais usadas são aroeira, jatobá, ipê, ata, madeira branca.

A reserva do PA Buritis é grande e rica. Têm muitos tipos de vegetação diferentes e também muitas espécies de plantas. É um reservatório de riquezas e sementes de muitas espécies que já estão acabando em quase todo o município e na região. E a comunidade vêm cuidando dela com zelo. Muitas partes que já foram exploradas, cortadas ou queimadas estão se recuperando e, recentemente a comunidade aprovou um regimento de uso da reserva. Isso já é um primeiro e importante passo para o manejo!

O manejo madeireiro pode ser viável na mata e carrasco. Outros tipos de manejo podem ser igualmente interessantes em toda a reserva (babaçu, palmito, plantas medicinais etc).

PA Santa Bárbara

A área que hoje é reserva legal já foi pasto, há 19 anos atrás. Na época o fazendeiro não conseguiu manter o pasto e a área se transformou em floresta (capoeira).

Em 1993 houve uma derrubada na área de reserva. Em 1994 uma parte da área de mata alta foi queimada (5%). Depois disso houve fogo também nos anos de 1996 e 1998.

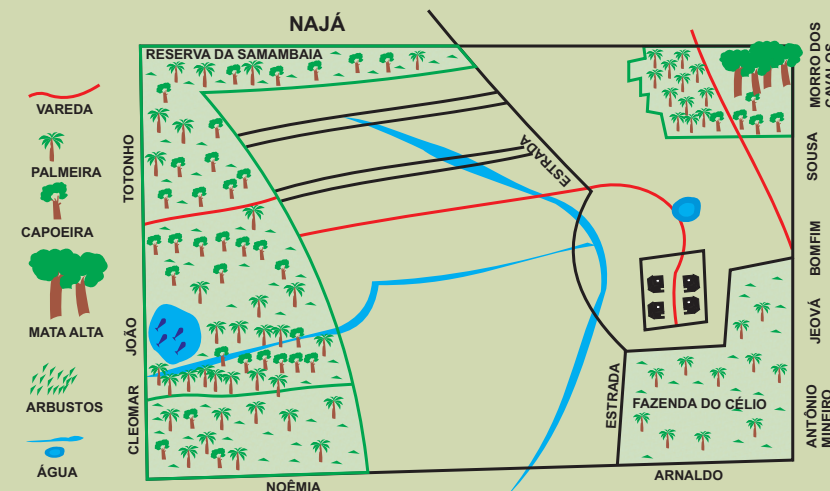
O assentamento possui uma área de 1073,2 ha onde moram 33 famílias. A reserva tem 367,34 ha. Isso corresponde a 34% da área do PA.

São duas áreas de reserva. Uma próxima ao morro dos Cavalos e outra, onde está a área coletiva. Há uma área da reserva que foi destinada a ser roça comunitária, mas a demarcação dos limites não ficou clara.

Existem poucas áreas de mata na reserva. Elas são pequenas “bolas” dentro do capoeirão. Existe mais mata próximo a divisa com a fazenda do Sousa. A maior parte é capoeirão, com aproximadamente 20 anos, e capoeira fina. Grande parte das áreas de capoeira fina da reserva foram roça ou pasto até 1993 antes da fazenda virar assentamento. Existem também áreas desmatadas, pasto e roça.

As espécies mais freqüentes são babaçu, negramina, amesca branca, pente-de-macaco, amarelão, amesca aroeira, najá, cipó-de-escada, orelha de macaco, podarco sapucaia, ingá, marfim, mutamba. Há também, angelim, burra leiteira, cedro, cipós de vários tipos, copaíba, espiheira santa, vários ipês (podarcos), miroró, moreira, sapucaia, taipoca, taúba, jacarandá, tarumã, taturubá, tucum.

RESERVA SANTA BÁRBARA





Usos

Cerca de 25 alqueires da reserva está sendo usada como área coletiva para roças, mas a divisão não foi feita de forma igual, ou seja, cada agricultor demarcou a parte que lhe interessava.

Na reserva há pouco babaçu e o babaçu da reserva frutifica pouco. O babaçu utilizado pela comunidade é retirado de uma área fora do assentamento.

As plantas medicinais mais usadas são, copaíba, ipê roxo, angico, pau quina, jatobá, tamburil, açoita cavalo, moreira e pau de leite.

Algumas alternativas de manejo, adequadas, podem ser a coleta de sementes, para a venda ou produção de mudas. O aproveitamento de madeira e outros recursos para artesanato também é possível.

Uma outra forma interessante de usar a reserva pode ser o plantio de espécies comerciais (frutíferas, medicinais ou madeiras - enriquecimento de capoeira) ou criação de abelhas na área próxima ao fundo dos lotes.

Anexo 1

Quadro de espécies interessantes para a exploração de acordo com as comunidades

Madeira	Medicinal	Fruta	Sementes e mudas	Ornamental	Artesanato
Axixá	Negamina	Babaçu	Macaúba	Todas	Taipoca
Taipoca	Amesca	Axixá	Babaçu		Axixá
Aroeira	Macaúba	Inharé	Angico		Macaúba
Capitão do campo	Aroeira	Jatobá	Copaíba		Jatobá
Jatobá	Jatobá	Macaúba	Axixá		Cedro
Ipê roxo	Cipó de cururu	Cajá	Cajá		Cajá
Ipê amarelo	Ipê roxo	Bacaba	Bacaba		Babaçu
Cedro manso	Cedro manso		Aroeira		Tucum
Angelim pedra	Babaçu		Jatobá		Outas
Angelim	Cajá		Cedro manso		
	Miroró		Ipês		
	Lava-prato		Angelim		
	Embaúba		Angelim pedra		
	Açoita-cavalo				
	Angico				
	Copaíba				
	Inharé				

Anexo 2

Distribuição das espécies por usos

Total de espécies	340						
Total de espécie úteis	186 (55% do total)						
Usos	Madeira	Remédios	Frutas	Lenha e Carvão	Uso Doméstico	Palmito	Ornamental
Total de espécies por uso	122	71	62	47	40	6	8
% do total de espécies	36%	21%	18%	14%	12%	2%	2%
% do total de espécies úteis	66%	38%	33%	25%	22%	3%	4%

Anexo 3

Lista de espécies encontradas no levantamento de campo

Usos: M madeira, R remédio, F fruta, C carvão, L lenha, D Usos domésticos, P palmito, O ornamental

Nome comum	Usos	Nome comum	Usos	Nome comum	Usos	Nome comum	Usos
Abacate brabo		Angico vermelho	M	Banana braba		Café brabo	F
Açoita cavalo	R	Araça (goiaba)	F	Barriguda	D	Cafezinho	FM
Algodão brabo		Aroeira	MR	Barrote	M	Cajá	FMR
Algodoi brabo	M	Ata	F	Batata de porco		Cajú de janeiro	FM
Amarelão	M	Ata amarela	M	Batata de tiú		Cajú	RF
Ambracinto	R	Ata branca		Besouro		Canafístula	
Ameixa		Ata preta	MF	Birrinho	MRF	Candeia	MRL
Ameixa-de-macaco	F	Atamenju	FMCDR	Bordão de velho		Canela de ferro	
Ameixinha		Atinha		Bosta-de-cabra	F	Canela de jacú	
Amesca (amesquinha, a branca, a medicinal)	RMFC	Atraca		Botão branco		Canela de nambu	
Amesca aroeira	MFR	Axixá	FMOC	Bredo		Caneleiro	DC
Angélica		Azedinha	F	Broto		Cangambá	CM
Angelim	MRC	Azeitona braba	L	Burra leiteira	MR	Cansação	
Angelim pedra	M	Babaçu	FMDRPOC	Buta (cipó)		Canudeiro	
Angelim vermelho	M	Bacaba	FMP	Cabeça branca		Capa bode	
Angico	MRC	Bacuri		Cabelo de cutia	MC	Capecta	
Angico branco (espilheiro liso)		Bacuri brabo (cabeça de arara)	MDC	Cacau	F	Capim	
Angico preto	RMC	Bafo de boi	M	Cachimbeiro (Jequitibá)	M	Capim agreste	

Anexo 3

Lista de espécies encontradas no levantamento de campo

Usos: M madeira, R remédio, F fruta, C carvão, L lenha, D Usos domésticos, P palmito, O ornamental

Nome comum	Usos	Nome Comum	Usos	Nome comum	Usos	Nome comum	Usos	Nome comum	Usos
Catuaba braba		Cipó de calango		Cipó titica	D	Emburuçu (ímbiratanha)	DM	Favinha	
Cedrarana	M	Cipó de escada	MDR	Cipó unha de gato	R	Erva cafezinho		Feijão brabo	
Cedro manso	MRO	Cipó de fogo		Cipó vermelho		Erva de jabuti		Fígado de galinha	
Cega jumento		Cipó de jabuti		Coco cabeçudo	F	Escorrega macaco	M	Figo d'anta	CFM
Cha preto (pau caboclo)		Cipó de lagartixa		Cocotinha	M	Espinheiro		Folha de carne	R
Chumbinho	R	Cipó de mufumbo	RD	Copaíba	MRF	Espinheiro branco		Folha de fonte	
Chuveiro (muchiba)	MC	Cipó de São Bento		Coquinho da chapada	F	Espinheiro preto espinho d'anta	CMD	Folha de seda	
Cidreira da chapada	R	Cipó duro		Coração de nego	MDC	Espinheiro pustemeiro		Folha grossa	R
Cipó "ingarana"	DF	Cipó gogó de guariba	F	Cravinho	RM	Espinho de cruz (rompe gibão)	D	Folha larga	
Cipó "peludo"		Cipó japecanga	R	Cravo roxo	M	Espinho de judeu		Freijó	M
Cipó "três-folhas"	D	Cipó mata fome		Crista-de-galo		Espinho de oco (serrotão)		Gambá	
Cipó 3 quinas		Cipó mucunã	RD	Cumarú	MR	Espinho de roseta		Gameleira	
Cipó branco		Cipó pé de galinha		Cundurú	MOF	Espinho jacarecanga	FR	Givela de jacu	
Cipó camaleão		Cipó preto		Embaúba	R	Espinho santo		Gogó de Jacú	
Cipó cruz	R	Cipó roxo		Embira branca		Estopeira	MD	Goiaba braba (grande/não é araçá)	F
Cipó cururu	DR	Cipó samambaia		Embireiro	DC	Farinha seca	MDC	Goiabinha braba	F
Cipó d'água		Cipó timbó		Embireiro preto	M	Fava d'anta	F	Gonçalalve	ML
Cipó de amarrar curral	D	Cipó tingui		Embiriba	R	Faveira	RC	Grão de bode	FM

Anexo 3

Lista de espécies encontradas no levantamento de campo

Usos: M madeira, R remédio, F fruta, C carvão, L lenha, D Usos domésticos, P palmito, O ornamental

Nome comum	Usos	Nome comum	Usos	Nome comum	Usos	Nome comum	Usos	Nome comum	Usos
Grão de galo	F	Ipê-de-rama		Lima braba		Massaranduba		Mururé	FMR
Grão de jabuti		Jabuti		Língua de vaca		Mata calado	V	Muta	FM
Guabiraba	MFLC	Jacaranda	RM	Louro	M	Mata fome		Muta braba	M
Imburana		Janaguba		Macambira (croatá)	FR	Mata menino	MR	Muta preta	M
Inga	FLCM	Jangada	FM	Macaúba	FPR	Meirinho	LM	Mutamba	FMLR
Ingá chichiba/preta	C	Jangada de mata		Mama cachorro	M	Menju	M	Mutum	
Ingá de corda		Jatobá	FMRD	Mamalu	MLC	Miolo de negro		Mutuna	
Ingarana (Ingá de macaco)	FDML	Jatobá de lago		Mameluco	M	Mirindiba		Mutuqueiro	M
Inharé	FR	Jenipapo	F	Mamoninha	ML	Mirroró	DRMC	Najá	FDP
Inharé brabo		Juá brabo		Mandioca de veado (maniçoba)		Mogno		Negamina	CRM
Inharé da mata		Jumento cansado		Mané magro (Pé degalinha)		Moreira	RM	Olho de boi	
Inharé preto		Jurema (rosca)	M	Manga braba		Mucuiba	R	Orelha de macaco	M
Ipê (podarco)	MR	Juruparana	M	Mangabeira	R	Mucunã	F	Ovo de jabuti (Espinheira santa)	F
Ipê amarelo (podarco amarelo)	MR	Jutá		Maracuja	F	Mulungú	M	Pajau	MDL
Ipê branco (podarco branco)	MRO	Labigó		Marajá		Murici	F	Pati	PFMDR
Ipê de ramo	DL	Lacre	MR	Marfim	FODRM	Murici brabo	LCFM	Patioba	
Ipê dente do cão	M	Laranjinha	LCMD	Maria-preta		Murici-da-chapada	L	Pau Brasil	MD
Ipê roxo (podarco roxo)	MRO	Lava-prato (camará)	DMR	Marmelada	F	Murujuba	M	Pau de arapuca	

Anexo 3

Lista de espécies encontradas no levantamento de campo

Usos: M madeira, R remédio, F fruta, C carvão, L lenha, D Usos domésticos, P palmito, O ornamental

Nome comum	Usos	Nome comum	Usos	Nome comum	Usos	Nome comum	Usos
Pau de besouro	RL	Pinho	M	Sangue de tatu	M	Tingui	LDM
Pau de leite (amargoso)	RM	Pitanga		Sapucaia	FM	Tiririca	
Pau para tudo		Pitiá (guatambú)	CLM	Sete folhas		Tuari (mata-mata)	M
Pau piranha	MR	Pitomba braba	M	Sorocaba		Tucum	FMPDR
Pau pombo (cachamorra)	RML	Pitomba de anta	LCFM	Sucupira	MR	Tucum rasteiro	
Pau preto		Pitomba de leite	LCFM	Sumaúma		Undurú	LM
Pau roxo		Pitomba de macaco		Taboca	DM	Unha de gato	
Pau-de-anta (jenipapinho)		Pituruna	ML	Taboqui		Urtiga de macaco	
Pau-de-ferro	M	Podarco cabeludo	M	Taipoca	DMO	Urucum brabo	
Paulista (cipó)	R	Podarco sapocaia	M	Tamanco		Velame	
Pé de carne (carne de carne?)		Poretinha		Tambori		Vergatesa (samambaia)	
Pé de manco		Priquiteira		Tarumã	MFR	Tarumã	MFR
Peito de moça (catuaba branca)		Rabo de galo		Taturu		Taturu	
Peito de porca (limãozinho)	M	Sabonete	MRDLC	Taturubá	FM	Taturubá	FM
Pente de macaco	DMF	Sacatrapo	R	Taturubá da mata		Taturubá da mata	
Piaçaba	DFR	Salsa	R	Taubá	M	Taubá	M
Pimenta (de guariba, de macaco)	FR	Samambaia (vergatesa)	R	Taúba branca		Taúba branca	
Pindaíba	M	Sambaíba (lixa)		Timbó		Timbó	

Anexo 4

Relação dos Participantes na Pesquisa da Reserva Legal

01. Técnicos

Claudia de C. Mello - APA-TO
 Elaine Cristina Martins – APA-TO
 Givanildo R. de Paula – STR AXIXÁ
 Priscila Franco de Oliveira – APA-TO
 Raimundo F. da Silva - APA-TO
 Tom Bazuim – CNS

02. Comunitários

● PA Buritis

Adão Gonzaga
 Adão Lopes Carneiro
 Antônio Carlos dos Santos Silva
 Antônio Conceição Gomes
 Antônio Aluizio Silva
 Antonio Pereira da Silva
 Antonio Severino da S. Neto
 Benedito Machado dos Santos
 Bernaldo Filho
 Bernada Alves de Souza
 Carlos André Conceição Gomes
 Domingos Cardoso da Silva
 Ecilene Vieira Alves
 Eduardo Gomes Pereira

Francisco Alves de Souza
 Francisco Conceição Gomes
 Francisco da Silva Souza
 Francisco de Assis Conceição
 Francisco E. Freitas Filho
 João Batista de Lima
 João Cassiano Guedes
 João Cassiano G. Junior
 José Alves de Souza
 José Camelo Santos
 José Carneiro da Silva
 José Francisco da Costa

José Gomes da Silva
 José Nestor Silva
 José R. Cardoso Oliveira
 Josia Lucena Freani
 Luiz Carlos Lima de Souza
 Luiz Pereira de Oliveira
 Manoel Alves de Souza
 Manoel Alves Ferreira
 Manoel Alves Teodoro
 Maria Madalena Alves
 Maria Madalena Ribeiro de Jesus
 Neusa M. Conceição Gomes

Nilson Lopes Reis
 Rafael Rodrigues Lima
 Raimundo Gomes da Silva
 Raimundo Patrício de Oliveira
 Raimundo Nonato Marinho
 Raimundo Ferreira Silva
 Raimundo Luiz Felipe
 Raimundo Vieira Lima
 Silvestre Pereira de Souza
 Sebastião Alves de Souza
 Valdir da Conceição
 Vanusa de Souza Silva

● PA Santa Juliana – Setor Sede

Ângela Lúcia Silva
 Albertina Alves da Silva
 Anésia da Conceição Santos
 Antônio da Conceição
 Antônio C. Silva
 Antônio José de Souza
 Antônio Nilson de Brito
 Antônio Tomé
 Bento Ribeiro de Sena
 Célio Rodrigues Batista

Claudenor Rodrigues Silva
 Cícero Batista da Conceição
 Cleiton dos Santos
 Edivirgem Rodrigues da Silva
 Enoque Soares de Souza
 Erivaldo da Silva Costa
 Francineide dos Santos
 Francisco da Cardoso
 Francisco das Chagas Filho
 Francisco da Conceição Santos
 Francisco Vieira de Sá
 Gaspar Pereira de Araújo
 Geane S. da C. Martins
 Gleice Souza Martins
 Ivamar Dias
 Ivonete dos Santos Manreno
 Jeise Aline Barbosa de Sena
 João Isidora Reis
 José Augusto de Sousa
 José Barbosa Lima
 Luiz Soares de Almeida
 Luzanira Alves de Carvalho
 Maysa Carvalho Soares
 Márcia Rodrigues Batista

Anexo 4

Relação dos Participantes na Pesquisa da Reserva Legal

Manoel Alves de Brito
Maria Inês do Nascimento Lima
Maria Isabel P. Arruda
Maria Helena Barbosa Sena Maria
Lúcia da Silva Gomes
Maria Quelis Rodrigues
Mauro Laurindo Soares
Miguel Alves dos Santos
Milian Barbosa Sena
Patrício Vieira de Sá
Raimunda P. Alves
Raimundo Alves de Sousa
Raimundo Carmo da Conceição
Raimundo Cícero Conceição
Raimundo Claro Conceição
Raimundo P. Alves
Raimundo Silva Castro
Reginaldo da Silva Costa
Reginaldo Moraes Pereira
Rita Gomes de Sousa
Rocenildo Alves da Silva
Ronilson A. Silva
Ronivaldo Gomes Macena
Severino Alves Santos
Solineth Almeida de Souza
Valdemar Soares
Valdemiro Alves de Silva

● **PA Santa Juliana - Grota D'agua.**
Almir Feitosa
Auricéia Barros Silva
Caubi Silva
Felício Pereira de Almeida
Francinete Pereira da Silva
Francisco Henrique Roseno
Izidório Lima de Albuquerque
João Paz da Costa
José Carlos da Silva
José messias Conceição
José Raimundo Pereira
Jucivania Chagas da Silva
Maria José Moraes
Maria Coimbra dos Santos
Percília Pereira de Sá
Raimundo Alves dos Santos
Raimundo Ferreira
Raimundo Regis Reis Silva
Ricardo Souza Albuquerque
Sebastiana Pereira de Silva
Supercílio Alves da Silva

● **PA Santa Bárbara**
Cleudiane Nonato Moraes
Francisca Ferreira Viana

Izabel Pereira da Silva
João Alves de Souza filho
João Soares Araújo.
Jonas Dias Carvalho
José da Cruz Oliveira Silva
José Raimundo da Silva
José Rumão da Silva Silva
Luzenita C. Silva
Maria José Soares Oliveira
Maria Iris Pereira dos Anjos
Maria Lúcia da Silva
Maria Vânia Barbosa
Quitéria Alves de Oliveira
Raimundo N. C. Conceição
Raimundo Oliveira Alves
Raimundo Ferreira da Silva
Romero da Silva
Rosilda Oliveira Alves Neta
Vaniele Soares Oliveira
Wilian Pereira Ferreira

● **PA Babaçu**
Aenes Antonia dos R. Cruz
Alta Ferreira Dias
Ariane Oliveira Abreu
Arlene Oliveira Abreu
André José a Cunha

Antônio Abreu de Oliveira
Antonio de Almeida
Antonio Luiz de Souza
Antônio de Souza
Antônio Sotero Duarte
Arliane de Souza
Carlos Antônio Rodrigues
Edmundo Rodrigues de Oliveira
Elton Jonh Ferreira da Luz
Francisco Nestor da
Genival Alves de Souza
José Arnaldo de Souza
José Lima de Souza
José Souza Teixeira
Josldo Oliveira Silva
Lindalva da Conceição S. Oliveira
Lourenço Ferreira Dias
Lúcia do Espírito Santo
Luzinete Gomes de Souza
Manuel Messias da Cruz
Maria Dalva Silva Oliveira
Maria Gomes da Silva
Maria Neuza Alves dos Reis
Raimundo José da Luz
Raimundo Ferreira da Silva
Romualdo Cavalcanti da Fonseca
Valdenir de Lima

Apresentação da APA-TO e do STR de Axixá

A APA-TO - Alternativas para a Pequena Agricultura no Tocantins, é uma ONG criada em 1992 por iniciativa de lideranças sindicais dos trabalhadores rurais do Tocantins e Agentes da Comissão Pastoral da Terra - CPT. A entidade nasceu com a missão de “em articulação com os movimentos sociais do campo, consolidar a reforma agrária e fortalecer a agricultura familiar com a afirmação das organizações na sociedade”.

A atuação da APA-TO concentra-se no extremo norte do TO no campo do desenvolvimento local sustentável, com enfoque agroecológico e à nível estadual no monitoramento e avaliação de políticas públicas direcionadas para a agricultura familiar.

O seu trabalho busca promover processos participativos estimulando a experimentação em meio camponês e validação de alternativas produtivas e tecnológicas que contribuam para a evolução dos sistemas de produção da agricultura familiar; assessoria na gestão interna de associações, beneficiamento e comercialização solidária de produtos agroextrativistas; formação de lideranças e da juventude rural; e assessoria às organizações.

O Sindicato dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais de Axixá do Tocantins destaca-se na região por sua organização e capacidade de intervenção na realidade local. A articulação das comunidades rurais em torno da busca pela consolidação de alternativas sustentáveis para a população rural é o principal foco do seu trabalho.

Seus objetivos são: organizar, representar legal e sindicalmente e dirigir a luta dos trabalhadores do município de Axixá do Tocantins; promover o desenvolvimento rural sustentável baseado na agricultura familiar e nos princípios; estabelecer parcerias para assessoria com as organizações de apoio aos trabalhadores rurais; articular para as comunidades rurais projetos de desenvolvimento sustentável que promovam a preservação do meio ambiente e a melhoria da qualidade de vida dos agricultores familiares; promover a solidariedade entre os trabalhadores, desenvolvendo a consciência de classe; firmar convênios e programas de intercâmbio com organismos governamentais, não-governamentais, privados, nacionais e internacionais.